

IMAGENS, SIM OU NÃO?

No Antigo Testamento encontramos palavras fortíssimas contra a fabricação e o culto das imagens. No livro do Êxodo é o segundo Mandamento: “Não farás para ti imagem ou figura de qualquer coisa que exista no céu, na terra ou nas águas debaixo da terra. Não farás, nem cultuarás.” (Ex 20,4). Logo após os Mandamentos, o mesmo livro do Êxodo, capítulo 25, versículos 18-20, Deus está mandando Moisés fazer duas imagens de querubins de asas abertas sobre a Arca da Aliança, um com o rosto voltado para o outro. Como é isso: No capítulo 20, Deus proibia terminantemente fazer qualquer tipo de imagem, agora, no capítulo 25 está mandando fazer! Como ficamos?

Solução

A Bíblia é a expressão da fé de um povo sem terra, pobre e oprimido, que um dia descobriu que o Deus dos fracos, o Deus deles, era mais forte do que os deuses dos poderosos que os dominavam. Os dominadores produziam imagens suntuosas e magníficas. Hoje ainda se podem ver no Egito muitas das imagens monumentais que impressionavam e calavam o povo. O povo escravo e sem terra não é capaz de produzir uma imagem dessas. Ao descobrir, porém, que seu Deus é mais forte do que o dos dominadores, entende que deve organizar uma nova sociedade sem dominadores e dominados. Para isso: 1° Ter um Deus só, não há um deus dos fracos e outro dos fortes, 2° Não fazer imagem de Deus, senão o dono da imagem torna-se dono do deus e senhor das consciências das pessoas. Daí os dois primeiros mandamentos.

Javé, o Deus dos pobres, não pode ser manipulado, ele faz o que quer e o que ninguém espera. Por isso não tem imagem. Ele não está na imagem, está na vida, na luta, na caminhada do povo. Por isso não tem imagem. Ele não está ao alcance do homem, está acima, transcende. Por isso não tem imagem.

Existe, porém, no ser humano uma lei elementar: Nada chega à cabeça, à mente humana, sem antes passar pelos sentidos. É certo que Javé está na vida, nas lutas do povo, mas havia necessidade de se representar isso de alguma forma. Daí a Arca da Aliança, uma espécie de andor que ia à frente dos combatentes de Israel nas lutas pela posse das terras de Canaã. Como Baal montava o bezerro de ouro, Javé sentava entre os querubins, as duas figuras aladas que encimavam a arca. Ele dava força e coragem aos combatentes.

O Templo de Salomão foi construído junto ao Palácio, como um anexo. Poderia manipular a fé para dominar as pessoas. Mas a Arca da Aliança ficava no lugar mais sagrado e escondido do Templo. Aí uma pessoa entrava uma vez por ano. Javé é o Deus escondido e invisível. É a alma do povo do Primeiro Testamento. Os textos bíblicos dessa época não precisam insistir nisso.

Quando boa parte do povo é levada para o exílio da Babilônia e grande parte, aos poucos se dispersa pelo mundo, acontece um choque. Aqueles que jamais viam qualquer tipo de imagem, agora ficam saturados de verem inúmeras estátuas, imagens e figuras de deuses os mais variados. E quem vai dizer que não é bonito? A tentação é grande: O culto judeu, sem visual, é frio, árido e aqui, aquela variedade de figuras...

Os textos bíblicos escritos nessa época caem de pau em cima do culto e da produção de imagens. É o caso de inúmeras passagens do Segundo Isaías (capítulo 40 em diante), do capítulo 6 de Baruc (Carta de Jeremias) e tantos outros.

Nos quatro Evangelhos só num episódio aparece a palavra imagem. Os fariseus mais de uma vez haviam provocado grande agitação contra Pilatos por causa de imagens de César introduzidas na cidade santa de Jerusalém. Na última semana de Jesus, em Jerusalém, eles perguntam sobre o pagamento de imposto a César. Jesus pede

que eles mostrem uma moeda e pergunta: “De quem é esta imagem e inscrição (imagem que vocês carregam na sua bolsa, mas brigam tanto para que não seja colocada em nenhum lugar público)?” Ah! No dinheiro pode!...

Essa a idolatria (colocar outra coisa no lugar de Deus) que Jesus condena: “Não podeis servir a Deus e ao dinheiro!”